

Monólogo de uma muriçoca schopenhaueriana

FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA - Graduando em Filosofia (UECE).

Sou minúscula, sou leve, habito um mundo de gigantes, não sei o que sou realmente, mas vivo a vagar por aí. Bato asas e vôo sempre que preciso me locomover, por sorte ainda estou vivo, pois vivo me arriscando e, a qualquer momento posso morrer. A minha vida é um grande desafio, eu tenho que arriscá-la sempre que chega a vontade de comer. A precondição da minha existência é correr o risco de morrer para poder suprir minha necessidade vital, que por sinal é viciante, por isso, odeio meu vício, meu vício é ter fome, fome tem cheiro de sangue, sangue é sinônimo de morte, logo estou condenado do início ao fim, à mercê da própria sorte. Desse modo, para continuar aqui vivo, tenho que saciar minha fome, não sei por que sinto isso, eu não queria ter fome, a fome é uma falta, a falta é uma prova da imperfeição, portanto, se há uma falta em mim, é porque sou imperfeito, e se falta algo, e se estou condenado por tal falta, então, isso implica em sofrimento, por causa dessa falta, logo, a minha existência é sofrimento, então viver é sofrer! Por isso vivo condenado a sofrer por causa de tal falta, por causa de tal vício, por causa de tal fome, porque sou imperfeito, e esse pessimismo é o que me consome. Nesse instante eu sinto fome, está chegando a hora, não consigo controlar as pulsões, estou diante do caos, é como uma caldeira em ebulição trasbordando em excitação, é minha necessidade instintiva de comer começando a pulsar, é a falta. Sinto uma fome que me devora por dentro e, dentro de alguns instantes a batalha pela vida vai começar. Mais uma vez, esse dilema entre vida e morte, tenho que comer para não morrer e, posso ser morto por ter que comer. Se isso não é sofrer, se isso não é viver condenado, com certeza não existe céu ou inferno, bem ou mal, muito menos pecado. Agora chegou a hora, comecei a me preparar, saquei minha grande lança, minha ferramenta de sangrar. Não posso mais esperar, o meu desejo é operante, não consigo explicar essa vontade dominante, já estou com minha lança e, minha vontade é de sangue, pra saciar minha fome, nem que eu morra nesse instante. Que fissura é essa que sinto, que me leva à insanidade, é como se eu não fosse eu, porque mais forte que eu, é a fúria da vontade. Desejo não ter vontade, e essa vontade ri desse desejo de não querer tê-la, pois a tal sabe que é mais forte, porque a vontade é o que reina. Se hoje eu consegui, amanhã é outro dia, quem sabe eu morrerei, mas por culpa da vontade, que é o motor da minha vida. Pela certeza da incerteza, e com todo o meu pessimismo, eu cheguei a uma conclusão, que os meus dias são malditos. Eu sou apenas um escravo dos meus desejos, porque mal satisfaço um, e outro surge por inteiro. Então, se a vida é sofrimento, do que vale a razão, pois no final só há uma certeza, o que prevalece é a insatisfação.